

RAFAEL DE FREITAS MERTENS

Nacional Atlético Clube: O Leão da Zona da Mata

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Junho 2019

RAFAEL DE FREITAS MERTENS

Nacional Atlético Clube: O Leão da Zona da Mata

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Professor Ricardo Duarte.

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Junho 2019



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Memorial intitulado *Nacional Atlético Clube: O Leão da Zona da Mata*, de autoria do estudante Rafael de Freitas Mertens, aprovado pela banca examinadora pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ricardo Duarte - Orientador
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Prof. Mr. Felipe Lopes Menicucci
Diretor de Programação da Rádio Universitária/TV Viçosa

Albert Rego Ferreira
Operador de Câmera de Cinema e TV
Departamento de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Viçosa, junho de 2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que proporcionou essa oportunidade e me acompanhou nesta caminhada. De importância semelhante a dele, meus pais: Dona Teresinha e Seu Luiz, que são os pilares de minha vida em todos os aspectos e privaram-se de diversas coisas só para proporcionarem o sonho do filho de se tornar um jornalista, possível.

Gostaria de agradecer também a meus queridos amigos, essas pessoas incríveis que conheci durante esse tempo, que serviram muitas vezes de família quando eu estava longe de meus pais. Aos colegas de república, que foram excepcionais companhias para se conviver no dia a dia, os quais sentirei muita falta. Bruno, Artur, Matheus e tantos outros que foram de fato o meu porto seguro por aqui.

Nestes 54 meses vividos aqui, diversas pessoas foram fundamentais neste processo e também são parte importantíssima desse momento que vivo. Tantos momentos inesquecíveis que vivemos juntos que vou guardar para sempre comigo nas memórias e no coração.

Sou muito grato também a FRATEVI, que foi outra família que tive aqui e foi fundamental para meu desenvolvimento e formação profissional, especialmente nos momentos difíceis, com agradecimento a todos os funcionários e aos meus colegas de redação e ao chefe de sempre Felipe Menicucci, que foi um grande mestre neste longo tempo que tive a honra de estagiar na Rádio Universitária e principalmente na TV Viçosa. Um agradecimento especial também a André Bernardes que se esforçou muito e é muito responsável pelo resultado deste documentário, serei eternamente grato por isso e por sua incrível amizade.

Ricardo Duarte, meu orientador é peça importante não só para esse trabalho mas também pelas aulas que tive durante o período de graduação no DCM. Agradeço também a todos os funcionários do Departamento que sempre foram muito solícitos e gentis comigo.

Finalizo minha sessão de gratidão, agradecendo à todas as fontes entrevistadas durante o documentário que foram simpáticas e pacientes em todas as oportunidades, fazendo um agradecimento especial a Cléber Lima, Léo Souza e o personagem dessa obra João Cigano.

RESUMO

O documentário “*Nacional Atlético Clube: O Leão da Zona da Mata*” é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O documentário foi produzido como uma proposta de contar a história do Nacional Atlético Clube de Visconde do Rio Branco, apresentando toda a sua trajetória até os dias atuais. O documentário desenvolvido neste trabalho, aborda a temática da história do “Leão da Zona da Mata” e evidencia também a relação de amor e dedicação de João Cigano pelo clube. Além disso, o presente memorial busca tratar do surgimento do gênero documentário, sua evolução e história no Brasil e as diferentes formas de se fazer e desenvolver um documentário.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Nacional; Cinema.

ABSTRACT

The Documentary “*Nacional Atlético Clube: O Leão da Zona da Mata*” is an experimental project produced as a Course Completion Work Course of Social Communication - Journalism of the Federal University of Viçosa. The documentary was produced as a proposal to tell the story of the National Athletic Club of Visconde do Rio Branco, telling all his trajectory to the present day. The documentary developed in this work deals with the theme of the "Lion of the Zona da Mata" and also shows João Cigano's love and dedication for the club. In addition, this memorial seeks to address the emergence of the documentary genre, its evolution and history in Brazil and the different ways of making and developing a documentary.

KEY-WORDS: Documentário; Nacional; Cinema.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 As Origens do Documentário.....	10
2.2 Início do Documentário Brasileiro.....	11
2.3 O Cinema Novo No Documentário (Década de 60).....	13
2.4 Década de 70 e 80.....	14
2.5 Década de 90 e o atual cenário dos documentários nacionais.....	16
2.6 Grande Reportagem x Documentário.....	17
2.7 Entrevistas em Documentários.....	19
2.8 Nacional Atlético Clube.....	21
3. RELATÓRIO TÉCNICO.....	23
3.1 Pré-Produção.....	24
3.2 Produção.....	24
3.3 Pós-Produção.....	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

A escolha para este tema de TCC, foi tranquila e nunca despertou dúvidas sobre o que se trataria este trabalho. Sempre quis desenvolver algo voltado para a área do vídeo-documentário e que envolvesse uma área que sinto muita afinidade, como o esporte. Os documentários esportivos ganharam espaço no Brasil de público a partir da década de 60 com o Cinejornal do Canal 100¹, em especial o futebol. MELO, 2005 revela que o futebol era um assunto de grandes longa metragens e despertava grande interesse no imaginário do brasileiro, pois este era filmado por ângulos e dimensões jamais vistas no mundo.

No Canal 100 futebol é coisa séria. O tom bem-humorado vai por conta da partida: convém lembrar que muitas vezes o jogo pode ter sido visto pelo espectador, cabe, assim, comentar a partida e não descrevê-la secamente. [...] E mais: no cinema, com tela grande, o futebol (e outros esportes) tem uma força incrível, inclusive porque os recursos técnicos do cinema (câmara lenta, por exemplo) conseguem captar coisas que TV não mostra. De um modo geral, em matéria de futebol, a TV é “fria” e o cinema “quente.” (NIEMEYER apud. MELO, 2005, p.32)

Na década de 80 e especialmente na década de 90 ocorre uma grande mudança de percepção, tanto do público como das companhias de cinema e emissoras, no cenário do gênero audiovisual nacional, que se tornaram mais específicos e aumentaram o leque de possibilidades de temas (ZANDONADE, FAGUNDES, 2003).

Foi este período que coincidiu com a queda de público e interesse nos documentários brasileiros e o governo Collor, na década de 90, dificultou ainda mais a vida dos documentaristas brasileiros com a extinção da Embrafilme, a principal distribuidora de documentários nacionais, como relata Vanessa Zandonade e Maria Cristina Fagundes.

¹ Canal 100 faz exibição de filmes e documentários sobre futebol feitos a época. Veículo teve importância ímpar a época para a história dos documentários e do futebol brasileiro. <<https://oglobo.globo.com/rio/acervo-do-canal-100-garante-tarde-de-goleada-historica-na-casa-globo-13033670>> Acesso em 27 jun. 2019

Ao mesmo tempo, a atuação do governo Collor, no começo da década, trouxe conseqüências negativas para a produção documental brasileira, pois a extinção da Embrafilme, principal distribuidora e responsável pela cópia das imagens digitalizadas em película cinematográfica, restringiu a exibição dos documentários em canais de televisão educativos, públicos ou a cabo. (ZANDONADE, FAGUNDES, 2003, p.28)

A chegada das TVs a cabo contribuiu para o aumento das produções de documentários no país, mas apesar disso, os documentários não eram sucesso de público. Para se ter uma ideia, segundo a pesquisa do jornal *O Globo*² realizada em 2010, a taxa de público em relação à produção brasileira de documentários foi de 2,5%. Este problema não está restrito apenas a este gênero, já que os filmes ficcionais brasileiros também não são tão bem-sucedidos, embora este cenário venha se modificando nos últimos anos, devido às produções principalmente humorísticas.

Mesmo com este cenário desfavorável para o gênero, os documentários esportivos ou aqueles que são ligados ao esporte são os que mais fazem sucesso dentro do gênero. Segundo dados de uma pesquisa realizada em 2010 pela Revista *Rumores*³, da USP, levando em conta o período de 1996 a 2006, os documentários de esporte e personalidade além de serem os mais bem-sucedidos dentre as categorias, são os que possuem filmes que lideram as bilheterias dentre os documentários.

Dentre os documentários, segundo a pesquisa, os que fazem mais sucesso são relacionados a esporte, perdendo apenas para Vinícius, que é um documentário de personalidade. As três obras melhores colocadas no ranking, são responsáveis por um total de público que corresponde à mais de 700 mil espectadores, e a categoria documentário esportivo, corresponde a 766.800 de público⁴.

O documentário "*Nacional Atlético Clube: Leão da Zona da Mata*", tem o foco relatar as origens, a trajetória e os dias atuais do time de futebol mais antigo do município de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, tendo sido fundado no dia 7 de

² "Produção de documentários dobra no Brasil, mas público ... - O Globo." 11 abr. 2010, <https://oglobo.globo.com/cultura/producao-de-documentarios-dobra-no-brasil-mas-publico-se-mantem-em-25-3026226>. Acessado em 21 mar. 2019

³ O documentário e seu público - Portal de Revistas da USP." <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51190>. Acessado em 22 mar. 2019

⁴ O documentário e seu público - Portal de Revistas da USP." <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51190>. Acessado em 16 abr. 2019

Setembro de 1937. O objetivo também, é demonstrar a importância do clube para além das 4 linhas do gramado.

Além de trabalhar a questão da história do clube, essa produção é norteadada por um personagem principal: João Cigano. Ele é o funcionário mais antigo do clube e se dedica a instituição, há mais de 40 anos. Inclusive, Cigano atualmente ainda cuida do NAC.

A categoria de produção audiovisual, possibilita a execução de várias funções do jornalismo como atividade prática, além de ser um espaço para desenvolver e aplicar diversas técnicas aprendidas dentro do período de curso, como: a cinegrafia, o fotojornalismo, a apuração, a entrevista, a construção textual, a edição e a narrativa.

A proposta deste trabalho, se dispõe a ser uma produção audiovisual que se baseia no conceito do documentário *in loco* (re) construído. Resumidamente significa trazer elementos que representam o contexto da época citada no recorte, para que dê maior credibilidade, conteúdo e proximidade com a realidade dos fatos que ocorreram, perante ao recorte histórico escolhido. Busca fazer referência ao que aconteceu ou registrando no local de entrevista do personagem do vídeo-documentário, por exemplo, aquilo que ocorreu naquele local ou através de ferramentas como: fotos, vídeos e músicas da época, uma espécie de viagem ao tempo da época falada.

in loco (re)construído - faz referência ao passado, mas acontece no tempo presente. Há uma tentativa de melhor contextualizar o fato (passado) a partir de algum tipo de interferência do documentarista no espaço (presente). Temos o registro *in loco* (re)construído quando, por exemplo, se constroem cenários/maquetes para que o espectador possa visualizar melhor o objeto ou a ação. (MELO, 2002, p.27)

O objetivo é explorar os vários elementos que um documentário pode utilizar, como por exemplo: relatos de personagens que vivenciaram os momentos; arquivos pessoais de indivíduos que possuem ligação com o tema através de fotos e documentos da instituição e do museu do município; visitando locais importantes para a construção da história contada, etc.

O estilo de documentário adotado segue o pensamento do Cinema Novo, que carrega a ideia do “cinema verdade” ou “cine-olho” do russo Dziga Vertov⁵, em 1918.

⁵ Dziga Vertov foi um cineasta soviético extremamente importante para a história do cinema mundial e serviu de grande influência para os documentaristas brasileiros.
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Dziga_Vertov> Acesso em 27 jun. 2019

Ele buscava registrar os acontecimentos *in loco* sem a intervenção do autor, acreditando que a câmera poderia revelar a verdade mais profunda. (ZANDONADE, FAGUNDES, 2003)

Para este trabalho foi desenvolvido um documentário de cerca de 50 minutos. A escolha do tema se dá pelo meu apreço com a área audiovisual, pelo gosto de documentários e por minha relação com o clube em questão, já que se trata de um time de futebol da minha cidade com o qual sempre tive muita proximidade. Na obra em questão, estão presentes entrevistas e relatos de personalidades ligadas ao clube, tendo um personagem como foco principal, além de arquivos de foto e vídeo relacionados a história do Nacional Atlético Clube.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As origens do documentário

Os primeiros registros de obras que tinham características que indicavam para a categoria documentário, foram produzidas no início do Século XX. Robert Flaherty⁶, acompanhou a vida dos esquimós do norte do Canadá por 7 anos (1912-1919) e lançou o filme “*Nanouk o Esquimó*”, em 1922. (SOLA-PENNA,2002) O jornalista Fábio Sola-Penna diz que Flaherty buscava um estilo que demonstrava as tradições e costumes daquela população, como forma de representar aquela cultura.

“o realizador não hesita em reconstituir as cenas que quer filmar, pedido a Nanouk e à sua família que representem os seus próprios papéis: a preparação das refeições, a construção de um iglu, a caça de uma foca.” (SOLA-PENNA, 2002, p.1).

Outros estilos de documentários foram desenvolvidos a época e um que inspiraria a visão de documentaristas modernos quase meio século depois, é o conceito do soviético Dziga Vertov. Ele é o fundador do Cinema Verdade ou “cine-olho” que defendia a menor interferência do autor possível dentro do cotidiano daquilo que está sendo retratado. Isso anos depois serviu de inspiração para o surgimento do

⁶ Robert Flaherty foi um grande cineasta muito importante e influente especialmente para o cinema e documentário ocidental, especialmente nos anos 30 a 50.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Flaherty> Acesso em 27 jun. 2019

Cinema Novo na década de 60, mas o documentário ainda teve outras faces. (ZANDONADE, FAGUNDES, 2003)

Evidentemente que diferente de Vertov, este documentário tem alguma intervenção sim do autor, através da entrevista e também do processo de edição. O conceito construído por ele, vai no sentido da mínima intervenção possível do documentarista, visto que este documentário não possui um narrador, como nos documentários clássicos por exemplo e nem mesmo a entrevista com áudio captado em tempo real, já que a época não existia nem recursos tecnológicos para isso.

Na década de 30, o documentarista John Grierson⁷ foi um dos primeiros a firmarem e a utilizar de fato o nome “documentário” para o gênero em questão. Ele acreditava que as obras deveriam ter uma função educacional para as massas e ser importante formador de opinião pública, como fala Manuela Penafria: “Grierson começou a formalizar e normatizar o documentário enquanto produto, atribuindo-lhe a função social de instrumento de educação das massas e de formação da opinião pública.” (PENAFRIA apud ZANDONADE, FAGUNDES, 2003, p.22). Esse estilo de documentário viria ser o da grande parte das produções brasileiras do gênero até a década de 60.

2.2 Início da produção de documentários no Brasil

Os primeiros documentários brasileiros, embora não fossem alcunhados com esse nome, tinham características puramente griersonianas no que se refere a técnica de voz em *off* e algumas características institucionais, embora este nem tenha a época, definido e criado o conceito de documentário (PENAFRIA, 2001) . A questão é que os primeiros documentários nacionais, datados do início do Século XX, em especial a partir de 1920, são como ALTAFINI,1999 define institucionais, bancados por grandes fazendeiros ou empresas e tendo um teor propagandístico.

⁷ John Grierson, assim como Flaherty e Vertov, são as grandes influências da década de 30 e 40 do documentário. Grierson assim como Robert foi um dos grandes pioneiros do documentário nacional. < https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Flaherty> Acesso em 27 jun. 2019

Os principais nomes do documentário brasileiro a época eram: Alfonso Segreto⁸ e Pascoal Segreto⁹, Eduardo Hirtz, Annibal Rocha Requião¹⁰ e talvez o principal deste estilo no Brasil, Silvino dos Santos. O documentarista de Manaus em suas obras retratava o cotidiano da Amazônia, mas parecido com Flaherty, a fim de reforçar tradições e estereótipos de tribos, por exemplo. Ele também filmava a floresta amazônica e especialmente sobre a borracha e a extração, que vivia tempos áureos a época. Apesar de se tratar de documentários financiados por grandes fazendeiros e atendendo o interesse de uma elite, os mais de 9 filmes de longa e 57 de curta metragem sobre a floresta, tem uma importância gigantesca para a memória visual de um local tão importante do Brasil, como revela Thiago Altafini.

“Estes filmes foram utilizados como propaganda e promoção dos grandes comerciantes amazônicos, principalmente da borracha. Mas, isso não tira o valor dos filmes de Silvino. Pelo contrário, são exemplos de sofisticação técnica para a época e de experimentação lingüística. Ele foi pioneiro de algumas formas de trucagens como montar seqüências de trás para frente ou decupar as tomadas em vários ângulos e enquadramentos diferentes. Além disso, os filmes de Silvino foram exibidos pelo país e também muito no exterior, alguns chegando a ser sucesso de público.” (ALTAFINI, 1999, p.2)

Com o Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937 e a criação dos órgãos de censura como o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e os DEIP's (Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda), os documentários passaram a ser restritamente institucionais, fazendo propagandas do governo ou reforçando estereótipos através da exposição de culturas e costumes do povo brasileiro (ALTAFINI, 1999). Um exemplo claro deste período, é a Rex Filmes¹¹, uma desenvolvedora de filmes que tinha como principal característica ser financiada pela

⁸ O italiano Alfonso Segreto foi o primeiro cinegrafista no Brasil. Ele filmou “Uma Vista da Baía de Guanabara” em 1898. < https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Flaherty> Acesso em 27 jun. 2019

⁹ Foi um ítalo-brasileiro também pioneiro no cinema nacional. Inaugurou a primeira sala cinematográfica do país: *o Salão de novidades Paris*. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pascoal_Segreto> Acesso em 27. Jun 2019

¹⁰ O paranaense inaugurou dezenas de salas de cinema e produziu diversos documentários curtos no início do Século XX. <<https://filmow.com/annibal-requião-a468115/>> Acesso em 27 jun. 2019

¹¹ Produtora de filmes que foi responsável pelas primeiras obras do documentário e cinema nacional. < <http://www.adorocinema.com/distribuidores/distribuidor-34922/>> Acesso em 27 jun. 2019

elite e com cineastas dependentes, como Bernardet, 1995 define que eles tinham “A Câmera do Poder.” Thiago Altafini contextualizou o cenário:

“A produção cinematográfica brasileira assentava-se num documentário “exclusivamente ligado a uma elite mundana, de que os cineastas são dependentes.” A situação não se modifica quase nada na década de 1930 e 1940, pois a elite continuava a financiar as produções diretamente, através de documentários de empresas ou de empreendimentos comerciais ou indiretamente, através de cine-jornais políticos.” (ALTAFINI, 1999, p.4)

2.3 O Cinema Novo no documentário (década de 60)

Como uma adaptação levando em conta as inovações tecnológicas e algumas diferenças de visões de mundo, cresce o movimento do Cinema Novo para os documentaristas, que se baseiam nos conceitos de Dziga Vertov do cine-olho ou cinema verdade e do neo-realismo italiano.

A postura crítica da realidade brasileira passou a ser adotada, crendo que o cinema poderia ser uma forma de transformação social, conscientizando o povo brasileiro e realmente assumindo os traços de subdesenvolvimento, até mesmo nas técnicas. Thiago Altafini explica bem este fenômeno, indicando as principais mudanças e o choque sem precedentes, que este conceito deu no documentário nacional.

“Uma nova estética passa a surgir com a nova forma de utilizar as câmeras. A imagem não é mais limpa, estática, devidamente iluminada e sim a câmera na mão provoca oscilações, tremores, ela se locomove com o caminhar do fotógrafo, não são utilizados filtros, a luz é natural, estourada, portanto, na maioria das vezes, deficiente. Muitas vezes são utilizados negativos vencidos que originam imagens super-contrastadas mas que são incorporadas a concepção estética do filme.” (ALTAFINI, 1999, p.6)

O Cinema Novo também se utilizou de ferramentas tecnológicas que ajudavam a dar movimento e dinamismo as obras, como as câmeras mais leves, lentes

melhores e especialmente a sonorização das imagens em tempo real, que colaborou muito para que aquele conceito de Cinema Verdade, trazer a realidade do contexto de cada história/personagem, vivendo suas dificuldades e escutando o relato daqueles que eram marginalizados anteriormente pelas câmeras, revoluciona e marca a história do gênero.

O slogan do movimento era: “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, frase de Glauber Rocha¹², que produziu grandes obras como Deus e o Diabo na Terra do Sol¹³, foi um dos principais documentaristas brasileiros e que traduzia bem a ideia desse pensamento cinematográfico. A “estética da fome” era justamente para expor a condição de subdesenvolvido que o país tinha e que, anteriormente, era maquiada pelas obras cinematográficas (SOCORRO, 2012).

Os grandes documentários brasileiros dessa época que revolucionaram a história do gênero, são: Arraial do Cabo (1959) e Aruanda (1960) que são precursores deste estilo de documentário no país, expondo realidades jamais vistas no cinema nacional. Porém às duas principais obras do período são: Viramundo (1965), de Geraldo Sarno e Cabra Marcado Pra Morrer (1984) de Eduardo Coutinho. O último citado embora não tenha sido lançado a década de 60, foi gravado ao longo de 17 anos, portanto desde 1967. Os dois mostram histórias de nordestinos que sonhavam com o desenvolvimento financeiro de vida, acreditando na mudança pra grande metrópole, mas que acabam encontrando diversas dificuldades e desilusões (ALTAFINI,1999).

2.4 Década de 70 e 80

Devido ao período ditatorial no país, a produção de documentários reduziu muito por conta da censura e a falta de liberdade. O ressurgimento aconteceu no final da década de 70, com o momento de abertura política. Os autores buscavam o renascimento de movimentos sindicais e sociais. As produções, segundo ALTAFINI (1999), estavam sendo concentradas no ABCD paulista onde os movimentos sociais e os metalúrgicos lutavam por melhores condições de trabalho e salário.

¹² Glauber Rocha é um dos grandes nomes na história do documentário brasileiro e sua obra deixou um legado fundamental para a história do gênero no Brasil.

<<http://www.adorocinema.com/distribuidores/distribuidor-34922/>> Acesso em 27 jun. 2019

¹³ Deus e o Diabo na Terra do Sol é um drama que foi gravado em Monte Santo, Bahia. O filme fez tanto sucesso que foi indicado ao Festival de Cannes na França.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Deus_e_o_Diabo_na_Terra_do_Sol> Acesso em 27 jun. 2019

O filme de 1979, “GREVE!”, é um retrato disso. Essa é uma produção feita durante a paralisação feita pelos metalúrgicos do ABC paulista, em março de 1979. O autor do documentário, João Batista de Andrade, participante do sindicato, deixa claro que aquela obra não seria apenas para aqueles os operários sindicalistas.

“Um filme é um filme. Não é feito para a classe social que o produziu, não é feito para a classe que o sustenta. Um filme é feito para a sociedade como um todo. O fato de fazer um filme sobre o operário, ou para a luta dele, ou produzido por ele, não quer dizer que o filme seja só para ele. Eu acho que não. Eu acho que um filme é para a sociedade como um todo. Acho que os meios de comunicação, a inteligência, a descoberta, são coisas de toda a sociedade.”
(ANDRADE, 1984, p.40)

A década de 80 continuou sendo influenciada pelos conceitos de 60, com o Cinema Novo, com o objetivo de retratar realidades que não possuem visibilidade e que buscavam retratar os diversos cotidianos e suas dificuldades. Porém, a grande diferença que passava a ser tendência era a delimitação de temas. Os documentários passaram a ser menos abrangentes e cada vez mais específicos.

O número de temas e possibilidades que os documentaristas exploravam, passava a ser maior e por consequência, o número de produções cresceu. Além disso, houve uma grande busca pela memória fílmica do país para produções sobre personagens marcantes do passado e histórias brasileiras de diversos temas. Grandes obras e documentaristas brasileiros apareceram para o cenário nacional, como destaca Thiago Altafani.

“Elegemos para citar neste trabalho sete documentários que consideramos representantes deste período. CABRA MARCADO PARA MORRER (1984) de Eduardo Coutinho, já analisado nesta pesquisa. Além de, EVANGELHO SEGUNDO TEOTÔNIO (1985) de Vladimir de Carvalho, que traça um perfil do então Senador Teotônio Vilela; JANGO (1984) de Silvio Tendler, que neste filme busca através da figura de João Goulart passar a necessidade de justiça social e de um projeto político, econômico e social para o país. Outros representantes do período foram: GUERRA DO BRASIL (1987) de Sylvio Back, que busca retomar, a partir de diversas interpretações, a Guerra do

Paraguai; LINHA DE MONTAGEM (1982) de Renato Tapajós, que retoma o tema sobre as greves dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo; O PRÍNCIPE DO FOGO (1984), de Sílvio Da-Rin, que documentada a história Febrônio Índio do Brasil, um assassino e estuproador do início do século; e IMAGENS DO INCONSCIENTE (1986) de Leon Hirszman, que retrata três casos de artistas do Centro Psiquiátrico Pedro II, em São Paulo." (ALTAFINI, 1999, p.7)

2.5 Década de 90 e o atual cenário dos documentários nacionais

Com a queda do socialismo e o fim da Guerra Fria, o neoliberalismo norte americano se expandiu pelo mundo. Com isso a revolução tecnológica acontece, o que muda totalmente a cara do documentário nacional. A chegada da TV a cabo e os canais educativos passam a ser os grandes expositores de obras brasileiras.

A tendência apresentada na década anterior continua e a quantidade de produções de documentários aumenta exponencialmente, por conta também da grande gama de temas com variedades. Outra grande mudança que contribuiu para o aumento do número de documentários foi o processo de produção totalmente modificado devido a revolução tecnológica, com a mudança mais radical podendo ser observada na montagem desses, o que modificou o formato das obras e o seu tempo de produção, que foi reduzido.

Apesar das mudanças positivas, um duro golpe nos documentaristas foi a extinção da Embrafilme pelo governo de Fernando Collor de Melo. A entidade era a principal distribuidora das produções nacionais no país, o que dificultou muito que as obras chegassem até um público maior, tornando a audiência mais restrita. Além disso, nessa época, houve o rebaixamento do Ministério da Cultura à Secretaria. (MARUNO, 2008)

As grandes obras do período e atuais, são de caráter mais biográfico, buscando contar uma história sobre o passado de personalidades marcantes ligadas a diversas áreas como a política, o esporte, a música e a arte. Documentários como O Velho - A História De Luís Carlos Prestes (1997), de Toni Venturi; FUTEBOL (1998), de João Moreira Salles; Os nomes da Rosa (1998), dirigidos por Pedro Bial e Cláudio Rodrigues. (ALTAFINI, 1999) O interessante é que todas essas produções foram exibidas ou co-produzidas por canais de TV a cabo que foram grandes influenciadores

da produção de documentários no país, exibindo-os de forma integral ou em série de capítulos em alguns casos.

No fim do Século XX, houve uma grande revolução e aumento de produção dos documentários de diferentes características, assuntos e formas narrativas de construção e imagéticas. Isso foi possível graças a elementos da tecnologia, aqui já citada, entre outros múltiplos fatores que alteram toda a estrutura do documentário nacional e dão mais liberdade aos produtores e documentaristas (TEIXEIRA, 2004).

“Portanto, a paisagem documental atual não se ergue num horizonte canônico único, mas numa multiplicidade sem precedentes de formas, certamente como algo que se deixou afetar e abriu passagens por entre as tantas ondulações e revoluções da cultura audiovisual contemporânea. Nunca se produziu tantos documentários, nunca se dispôs de tantos suportes e mídias (químicos, eletrônicos, digitais), nunca um regime imagético propiciou tamanha variação estilística. Das formas flaherty-griersonianas revisitadas, do compenetrado Cinema Direto ao perambulante Cinema Verdade, dos filmes de montagem que re-interrogam os arquivos audiovisuais as poéticas experimentais performáticas que sacodem as significações dominantes, o campo do documentário diagrama-se como uma vasta e polifônica rede de produções urdida na correlação de descoberta e invenção, tradição e transformação, referenciado, assim, num tipo de temporalidade bastante diverso do padrão exclusivista moderno.” (TEIXEIRA, 2004, p.19)

2.6 Grande reportagem X Documentário

Muitas vezes o público e até alguns documentaristas e jornalistas da área, fazem a confusão dos dois gêneros de produção audiovisual. A diferenciação, geralmente é feita pelo tempo de duração, o que não é correto, já que uma grande reportagem pode ter o tempo de um documentário de longa metragem, muito menos a profundidade que se aborda a temática, pode determinar o que é um ou outro.

Cristina Melo, Isaltina Gomes e Wilma Morais fazem essa diferenciação e analisam o contexto que cada gênero é colocado. No caso das grandes reportagens, elas geralmente seguem uma lógica produtiva da TV aberta e de produtividade. Ela fica praticamente restrita ao factual e pelo imediatismo. Já o documentário contraria essa lógica do jornalismo.(MELO, GOMES, MORAIS, 2001)

Talvez a grande diferença entre um e outro é o caráter autoral. Ao contrário da grande reportagem, que deseja o mínimo de parcialidade, expondo o mínimo da opinião do repórter, o documentário dá a liberdade do autor de expor sua subjetividade e visão de mundo. Como destacam as autoras, essa característica não é negativa, já que isso é preponderante para a definição do gênero documentário. Maior que a liberdade que o gênero proporciona ao autor é a que ele dá para os personagens. O documentário não tem compromisso com a verdade como o jornalismo, mas sim com a história a ser contada pelos personagens, dando uma perspectiva diferente do conteúdo tratado na obra.

Por sua vez, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, o caráter autoral do documentário não depõe contra sua credibilidade. Afirmar que o documentário é marcado pela subjetividade do diretor não significa dizer que ele seja por natureza monofônico, isto é, que dê vez e voz a apenas um lado da história, omitindo outros. Não é isso o que acontece na maioria dos documentários. Geralmente, o documentarista busca ouvir a opinião de várias pessoas sobre determinado acontecimento ou personalidade, seja para confirmar uma tese (caso, por exemplo, dos documentários biográficos), seja para confrontar opiniões (caso dos documentários sobre conflitos urbanos, sociais, raciais, religiosos etc). No entanto, apesar de apresentar um emaranhado de vozes, que muitas vezes se opõem e se contradizem, uma voz tende a predominar: aquela que traz em si o ponto de vista do autor. (MELO, GOMES, MORAIS, 2001, p.6)

Outra grande característica que diferencia e está presente no documentário "*Nacional Atlético Clube: O Leão da Zona da Mata*", é a não obrigatoriedade de um narrador. A reportagem necessita das falas de uma voz externa para que essa dê coesão a tudo que está se passando. A repetição de um mesmo tema no discursos, as chamadas "paráfrases discursivas" são condenadas no jornalismo, mas já no documentário ela se faz até necessária pois serve de bússola para os espectadores. Por isso é muito comum, em obras que não possuem narrador e com a voz ativa apenas dos personagens, a repetição do tema ou de algumas frases, pois este é um dos grandes elementos de argumentação de um documentário.

Além dessas diferenças, existe outra que pode ser ressaltada: a liberdade. A liberdade tanto de temas, opinião e de tempo para produzir e montar, que o documentário possui em relação a uma grande reportagem, já que este não está condicionado pela rotina de trabalho jornalística. Embora a grande reportagem também proporcione liberdade de produção para aquele que produz. A autonomia aqui está mais relacionada ao entrevistado e o que ele pode relatar sem necessariamente estar comprometido com a verdade. O que interessa em um documentário é a sua história, sua visão e versão sobre os fatos, criando no espectador maior empatia e o aproximando de sua realidade e narrativa.

2.7 Entrevistas em documentários

As entrevistas hoje são utilizadas em documentários comumente como uma ferramenta de construção das obras e está presente na grande maioria das produções do gênero. Porém, até os anos 60, devido a restrições de tecnologia e até ao pensamento de como era feito o documentário no Brasil, as obras aqui, como já foi dito anteriormente, eram meramente institucionais.

A partir da década de 60, diversos documentaristas brasileiros baseados em ideologias de cinema especialmente russo de Dziga Vertov, buscam mostrar “brasis” diferentes através das grandes telas do cinema. Por aqui, as grandes obras que fizeram sucesso a época davam espaço para anônimos e realidades nunca antes vista no cinema brasileiro, já que este mostrava apenas uma realidade paralela do país. Os autores de certa forma, davam voz a essas realidades e a estes brasileiros.

A interação e como o autor se interage com seus personagens que são retratados, fazem toda a diferença, além é claro do aparato técnico ali presente. Muitas vezes, apesar de utilizar apenas entrevistas e a voz do personagem para guiar a história contada no documentário, os autores, apesar de não terem voz aparente nas obras, delimitam o espaço de falo do entrevistado, e, algumas vezes, assemelhando-se até com um interrogatório.

Eduardo Coutinho, um dos maiores documentaristas do Brasil, relata em uma entrevista, que em suas obras ele não adotava a entrevista direta como método, já que essa excluía a possibilidade de retirar daquele momento sua unicidade.

(...)O acaso, a surpresa e a incerteza do resultado é que me interessam. Eu acho que as relações dão certo quando não são

pergunta e resposta, mas um ato colaborativo. O ato de filmagem é assim: a pessoa me diz alguma coisa que nunca vai repetir, nunca disse antes ou dirá depois. Surge naquele momento. E isso não é pingue-pongue. As pessoas interagem comigo. (COUTINHO, 2009, p.130)

Documentários sobre anônimos ou histórias desconhecidas permitem uma outra questão fundamental e característica deste documentário e das obras de Coutinho: a verdade não é indispensável. A identidade e as histórias sobre seu passado, segundo Bernardet, são construídas pela “sua própria narração em relação ao seu passado, ela se constrói narrando a própria história e ela se constrói na atitude que ela tem diante de câmera e entrevistador” (BERNARDET, 2003).

O anonimato desses personagens e dessas realidades, torna tudo ainda mais interessante. A grande diferença do documentário feito com esse conceito para os demais, é que este dá espaço para improvisos e os acasos, não tipificando e nem rotulando seus entrevistados. Nessas entrevistas, geralmente, são onde saem conversas e histórias únicas e interessantes, pois segundo o raciocínio de Eduardo Coutinho, estes “anônimos” se interessam mais porque não tem nada a perder, diferente de quando se entrevista alguém com status social ou de classe.

(...) As conversas são conversas porque falo com pessoas anônimas – ninguém é anônimo, mas enfim... – relativamente comuns, ordinárias no sentido antigo do termo. Têm pouco a perder e por isso são interessadas. Um intelectual ou um político de esquerda ou direita têm muito a perder. Então eles se defendem. E as pessoas mais comuns têm pouco a perder. Talvez na vizinhança. Essa é a primeira razão pela qual as pessoas ditas comuns são mais interessantes. (COUTINHO, 2009, p.12)

Além dos improvisos e acasos, estes personagens possuem a liberdade de construir a própria identidade e a história de outras coisas que possuem relevância em seu contexto. Eduardo Coutinho, em entrevista, fala sobre a pouca importância que uma história ser verdadeira ou falsa pode ter para suas obras e para o

documentário em geral, o que dá unicidade para cada momento em que são contadas essas histórias.

(...) No [Edifício] Master, uma mulher me disse: “Vivi com um alemão por dez anos”. Eu não vou checar se foram dez ou cinco anos ou se ele era argentino. Eu perguntei se ela foi feliz e ela disse que foi. É o que me importa. Naquele presente é verdadeiro. O passado não me interessa, eu não vou pesquisar. Só não me interessa a mentira do mitômano, que é um belo assunto de filme, mas que factualmente não tem sentido. Fora isso a memória é, para mim, a coisa mais mentirosa do mundo. O que não quer dizer que não seja verdadeira. Você me conta sua infância de um jeito como você a conhece hoje. Se eu for te procurar daqui a um ano você vai me dizer de outro jeito. (COUTINHO, 2009, p.12)

No documentário sobre a história do Nacional Atlético Clube, em diversos momentos, é possível observar isso, especialmente nas falas do personagem principal, João Cigano. As histórias que ele se lembra e conta podem não ser verdade, mas o que realmente importa é a vivência e a unicidade que essa figura tem e representa para essa instituição tão importante de uma cidade tão pequena como é Visconde do Rio Branco. O fato de não possuir muitos documentos, imagens e vídeos sobre o passado mais longínquo e dos primórdios do clube, não impossibilita a realização do documentário, pelo contrário. Através destes relatos, mesmo que não sejam 100% verdadeiros e comprovados, é possível construir uma história que representa tudo que o clube foi e é até os dias de hoje para o município.

2.8 Nacional Atlético Clube

O Leão da Zona da Mata, Nacional Atlético Clube, é um time de futebol amador de Visconde do Rio Branco. O clube foi fundado em 7 de setembro de 1937 por um grupo de jovens praticantes do futebol depois de uma reunião feita no cartão postal da cidade: a Praça 28 de Setembro. O NAC ocupou o campo da “La Gorda” no Alto da Boa Vista, no qual anteriormente o time do Batista de Almeida fazia suas partidas.

Anos depois devido a um grande estreitamento com a usina de cana de açúcar da cidade a *Societé Sucrieré Rio Branco* através da figura do dono da Usina, o belga

Joseph Lambert, o time passa a se estruturar com a construção do estádio que homenageava o belga com o seu nome e a participação em campeonatos na cidade e regionais.

O clube vive grandes momentos nas décadas de 40, 50 e 60 tendo como ápice o título regional de 1968 da Liga de Desportos de Juiz de Fora, que naquele ano comemorava 50 anos de existência. Até hoje, esse é o título mais importante da história do Leão. Paralelo a este sucesso, um pouco antes, se iniciava uma bela história de amor e dedicação que é vista até hoje entre João Cigano e Nacional. João Cigano já fez de tudo pelo clube, desde zelador e treinador até ser o presidente do clube.

O Nacional conquistou alguns títulos importantes em sua trajetória depois disso como os regionais de Juiz de Fora de 1980 e o de Ubá de 1994 mas posteriormente passou por uma profunda crise estrutural e financeira. O clube passou tempos difíceis e chegou a encerrar as atividades da equipe principal tendo apenas as categorias de base como atividade única.

Recentemente o clube se recuperou da fase ruim, voltou a participar de campeonatos regionais com o time principal, inclusive conquistando o título regional em 2016. Além disso atividades das categorias de base continuam fortes e o clube ampliou sua atuação no esporte incluindo outras modalidades como o atletismo e o futebol feminino e passou a exercer trabalhos sociais voltados para a criança e o idoso.

O Clube com mais de 80 anos de história sem dúvidas tem importância ímpar para a história de Visconde do Rio Branco e sua sociedade. Uma história que ultrapassa as quatro linhas do gramado e faz a diferença na vida de muitas pessoas do município. Este documentário é uma homenagem singela também a essa instituição tão importante para a cidade.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

Como relatório técnico, apresento aqui para descrever todo o processo de produção e realização do documentário, que trata o tema relatado durante este artigo. O documentário é um produto de cinquenta e quatro minutos e conta a história do clube amador de futebol de Visconde do Rio Branco, Nacional Atlético Clube. O documentário é uma produção inspirada no estilo das produções do documentarista brasileiro Eduardo Coutinho, que é influenciado pelo Cinema Verdade, com conceitos que estão presentes no corpo deste artigo.

O formato de documentário, não descaracteriza e nem desvaloriza a construção do filme por parte do autor em relação à filmes de outros gêneros, que segundo o autor Sérgio Puccini (2009, p.177) são resultado de um processo criativo do cineasta marcado por escolhas subjetivas deste realizador.

Segundo o autor Victor Andrade Melo (2005,p.29) o futebol era o esporte que mais possuía imagens registradas no início do Século XX. Desta forma eu, como um apaixonado por futebol, especialmente pelo contexto em que fui criado e devido a forte relação que tenho com o Nacional, time do bairro de minha cidade natal e também conhecendo a história de seu personagem singular João Cigano, diante da necessidade de produzir um trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Viçosa, vislumbrei uma grande chance. Como desde o início me interessei e desenvolvi este sentimento particular pela área audiovisual, decidi agrupar todas os fatores nesta produção: meu amor por futebol, minha relação quase umbilical com o tema deste documentário (Nacional Atlético Clube) e o meu imenso apreço por documentários e pela área audiovisual, para colocar em prática todas as aptidões desenvolvidas durante o período de graduação.

3.1 Pré-Produção

Primeiramente foi elaborado o projeto do memorial no primeiro semestre de 2018, na disciplina COM 390 (Trabalho de Conclusão I), lecionada pela professora Mariana Procópio. Após o período de elaboração do projeto e o documentário foi pensado, tive uma primeira conversa com o, até então, possível orientador, Professor Ricardo Duarte onde foram discutidas as possibilidades e o formato do documentário.

Após os ajustes feitos, comecei o período de agendamento de entrevistas e equipamentos no Departamento de Comunicação Social, a partir de agosto de 2018. Neste mesmo mês, comecei a pesquisar sobre o desenvolvimento do documentário brasileiro para a composição deste memorial e me planejei para desenvolver primeiramente as entrevistas na cidade de Visconde do Rio Branco e posteriormente me limitar ao processo de montagem e edição do documentário e do memorial presente. Tudo isso levou cerca de 1 ano para ser desenvolvido e por motivos de deslocamento, logística e planejamento foi decidido que seria melhor realizar as entrevistas e gravações primeiramente. Foi formalizado que o documentário seguiria uma lógica cronológica e que caminhava em paralelo com a história de um personagem atrelado a história do Nacional Atlético Clube: João Cigano.

3.2 Produção

Passada a fase de planejamento, começou a execução do trabalho. Os meses de agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro de 2018 e janeiro deste ano foram dedicados as gravações das entrevistas com as fontes do documentário, todas elas realizadas em Visconde do Rio Branco, além de contar com vídeos feitos com o celular por ex-jogadores e torcedores do clube que moram em outros Estados. Nos meses de janeiro, fevereiro, março, abril e maio, foi desenvolvida a escrita do memorial modificando boa parte do projeto que tinha sido realizado no primeiro semestre de 2018.

O documentário foi realizado com um roteiro já pensado, e como já foi dito, buscava contar a história do clube de futebol amador Nacional Atlético Clube e da relação de um grande personagem na história dessa instituição: João Cigano. Segundo Sérgio Puccini (2005, p.177) o documentário baseado em arquivos, históricos ou biográficos, podem ser “escritos” previamente. Essa produção não foi totalmente fechada anteriormente no período de pré-produção, já que durante às gravações surgiu depoimentos que levaram o conteúdo da história a divergir um

pouco do caminho pensado anteriormente para o produto, além da aparição de fontes para serem entrevistadas que não foram cogitadas anteriormente, o que revela e evidencia o caráter livre de toda a produção de um documentário.

Como o tema do documentário possui poucas referências históricas disponíveis, optei pela oralidade e conhecimento de pessoas que vivenciaram de perto o clube plenamente ou em algum momento da vida. Além disso, escolhi pela produção de um documentário longo de quase 1 hora, pois penso que por se tratar de um tema que, apesar de ter um estilo cronológico de contar os eventos, através da sucessão dos fatos, em alguns pontos não segue a linearidade dos anos, porque há momentos que a história do personagem e do tema se confundem, devido a tamanha identificação entre ambos.

No documentário foi retratada toda a história do Nacional Atlético Clube. Antecedendo o período de fundação do time, contando o cenário do futebol riobranquense nos anos 20 e 30. A partir de sua fundação em 1937 e passando por seus momentos de glória, da relação com a usina de cana de açúcar, dos times marcantes, da fase difícil e da reconstrução atual, relatando a história do único time de futebol em atividade até hoje na cidade e de seu maior personagem que ainda se dedica a essa instituição. Além disso o documentário demonstra a importância que a entidade têm para a sociedade riobranquense em si. Foi utilizado os seguintes equipamentos do Departamento de Comunicação Social: 3 câmeras Nikon D 3200; 2 microfones lapela; 3 tripés; 2 LED's; em entrevistas realizadas em Visconde do Rio Branco nos seguintes locais: Museu Municipal, Secretaria Municipal de Cultura, no Estádio Joseph Lambert (Estádio do Nacional) e Rádio Cultura. Foi necessário cerca de 6 meses para a gravação deste documentário.

3.3 Pós-Produção

O trabalho de pós-produção é a montagem do memorial e especialmente do documentário. Na montagem deste artigo, realizei as leituras e fichamentos nos meses de janeiro, fevereiro e março e a escrita no período de março a maio. A montagem do documentário se iniciou em janeiro e foi finalizada em maio, utilizando as imagens feitas durante as entrevistas e em outros momentos para dar maior dinamismo ao documentário. Além disso, utilizei imagens de arquivo do Museu Municipal de Visconde do Rio Branco e de arquivos pessoais de torcedores, jornalistas e pessoas ligadas ao Nacional, além de imagens e vídeos da internet.

As escolhas feitas para a edição seguiram a lógica cronológica da história em que os fatos ocorreram, mesmo que em alguns momentos, essa noção de tempo seja quebrada justamente pelo tema ser difuso e contar duas histórias que se confundem e se complementam: a do Nacional e a de João Cigano. A escolha feita pela imagem em preto e branco na segunda câmera tem dois objetivos: primeiramente, dá maior dinamicidade a um documentário longo que possui em alguns momentos poucas imagens de arquivos disponíveis para ser colocadas. Sendo assim busca não tornar monótona a experiência do espectador; secundamente dar um tom *vintage* para o documentário, já que se trata de um assunto que na obra se fala desde os anos 20/30, para entrar em harmonia também com diversas imagens de arquivo do documentário.

Será feita uma exibição de estreia no Estádio Joseph Lambert e posteriormente o trabalho será exposto no YouTube. Com isso, pretendo valorizar a história do clube e conseqüentemente o meu trabalho.

Para a edição foram utilizei os programas Vegas Pro 14.0 para edição de vídeo, After Effects 2019 CC para a produção de vinhetas e gc's e Photoshop CS6 para a composição da capa e artes complementares. Este processo foi feito pelo autor deste trabalho e a ajuda de terceiros, em especial André Bernardes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao produzir este memorial pude perceber que o documentário é diferente de qualquer outro gênero audiovisual. Diferentemente das reportagens ou do jornalismo convencional e até um pouco do cinema, ele não precisa ser ligado a lógica mercadológica que estes outros são de certa forma submetidos com maior ou menor intensidade.

Apesar de não ser muito valorizado no Brasil atualmente, o cenário hoje do documentário nacional goza de elementos nunca antes visto na história do gênero e a liberdade é o principal fator. A liberdade para produzir o tema que quiser, no tempo que o autor julgar ser necessário, da forma que ele deseja abordar o assunto e montar sua obra, enfim, permite ao documentarista que explore sua produção criativa e a tecnologia apenas potencializa isso.

Na reflexão que faço levando em conta a percepção da produção de documentário brasileiros e o material pesquisado para esse trabalho, considero que obviamente a falta de recursos e incentivos prejudica na produção de documentários nacionais, mas ao mesmo tempo, penso que essa falta permite a maior liberdade de

abordagem e escolha de temas por parte dos produtores de conteúdo. Apesar de ser pouco valorizado, esse gênero audiovisual ainda é muito importante e continua sendo relevante.

Nessa forma de fazer documentários, baseado nos conceitos do Cinema Novo de Dziga Vertov e no brasileiro Eduardo Coutinho, vislumbrei a forma ideal de conduzir e montar essa obra com um gênero audiovisual que tanto admiro e que fiquei muito feliz ao desenvolver, especialmente sobre um tema que foi sempre tão próximo de mim e que merecia ter sua história registrada. O documentário “Nacional Atlético Clube: O Leão da Zona da Mata” mostra a trajetória, importância, tradição e a relevância de um time de futebol para a minha cidade natal e ao mesmo tempo retratar a história de amor do velho João Cigano pelo clube. Espero que essa homenagem faça jus a grandeza e importância que essa instituição tem não só para o esporte, mas para a sociedade rio-branquense.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, João Batista de. **O Importante era Fazer o Filme**. Filme Cultura, Rio de Janeiro, no. 46, p. 40, nov-dez, 1984.

ALTAFINI, Thiago. **Cinema Documentário Brasileiro: A evolução histórica da linguagem**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BERNADET, Jean-Claude. **Historiografia clássica do cinema brasileiro**. São Paulo: Annablume, 1995.

BERNADET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTINHO, Eduardo em **A Entrevista como método: Uma conversa com Eduardo Coutinho**. Psicologia USP: janeiro/março 2009. Entrevista concedida a Fernando Frochtengarten.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/41992>>. Acesso em: 27 de maio de 2019.

D'ALMEIDA, Alfredo D. **O processo de construção de personagens em documentários de entrevista**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB, Brasília, Distrito Federal, 2006.

GERHARDT, Tatiana E. SILVEIRA, Denise T. **Métodos de Pesquisa**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopqdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>

MARUNO, Gabriela R. **Cinema Documentário Brasileiro Contemporâneo: Análise do Banco de Dados da Agência Nacional do Cinema (1994 a 2007)**. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, 2008.

MELO, Cristina Teixeira. **O documentário como Gênero Audiovisual**. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, Bahia, 2002. Disponível em <https://revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/24168/14059>

MELO, Cristina T. GOMES, Isaltina M. MORAIS, Wilma. **O Documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Campo Grande, Mato Grosso, 2001.

MELO, Victor A. **Esporte e Cinema: Diálogos. As primeiras imagens brasileiras**. Revista de Ciência Brasileira e Esporte, Campinas, São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/011730_154.pdf>

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MIRANDA, André. **Produção de documentários dobra no Brasil, mas público se mantém em 2,5%**. 2010, disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/producao-de-documentarios-dobra-no-brasil-mas-publico-se-mantem-em-25-3026226>. Acesso em: 30 de abril de 2018.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2001.

PEREIRA, . Artigo – **A produção de documentários através do DOCTV**. Revista Rumores. Revista da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, nº4, 2009.

PORTELLA, Fábio. **FUTEBOL LOCAL - Nac em destaque**. 2008, disponível em: <http://fabioportella.blogspot.com.br/2008/08/futebol-local-nac-em-destaque.html>. Acesso em: 31 de abril de 2018.

PUCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário**. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, 2009.

RAMOS, Fernão P. Artigo - **O que é Documentário?** Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, M.S. Diogo. Memorial - **Mamóre x URT - A maior rivalidade do interior mineiro**. Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais, 2012.

SCHEID, Alan J.; MILÉO, Cássio D. **O esporte das multidões: Vídeo-documentário Gonzo sobre corridas de rua**. 2012. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdades Integradas Brasil (UNIBRASIL), Curitiba, 2012.

SOCORRO, Maria do C. **Uma Estética da Fome: O Cinema Novo da Tela ao Texto**. In: Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética, Edição X, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2012.

SOLA-PENNA, Fábio. **O documentário: captar a realidade**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/%7Efcs>> Acesso em: 15 maio 2019.

TEIXEIRA, Francisco E. **Documentário no Brasil: Tradição e Transformação**. Summus Editorial, São Paulo, 2004.

TRINDADE, Teresa Noll. Artigo - **O documentário e seu público**. Revista Rumores. Revista da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, nº7, 2010.

ZANDONADE, Vanessa. FAGUNDES, Maria C. de J. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA), São Paulo, 2003.

6.ANEXOS

<p>ROTEIRO: NACIONAL ATLÉTICO CLUBE: O LEÃO DA ZONA DA MATA</p>	<p>DIREÇÃO: RAFAEL MERTENS</p>	<p>DURAÇÃO APROXIMADA: 55 MINUTOS</p>
<p>VÍDEO 1: Fala de Cléber Lima Imagens de João Cigano no Joseph Lambert VÍDEO 2: Fala de Theresinha de Almeida Imagens de João Cigano no Joseph Lambert VÍDEO 3: Fala de Tom Carlos Imagens de João Cigano no Joseph Lambert VÍDEO 4: Fala de Léo Souza Imagens de João Cigano no Joseph Lambert</p> <p>Imagem da Década de 20 do futebol</p> <p>VÍDEO 5 Cléber Lima Imagens dos times da década de 20</p> <p>VÍDEO 6 Theresinha de Almeida</p> <p>VÍDEO 7 Cléber Lima Imagens dos times daquela época com</p>	<p>Introdução de João Cigano com falas dos entrevistados sobre ele e sua relação com o Nacional</p> <p>SOBE TRILHA CHORINHO ABERTURA DO DOCUMENTÁRIO com vídeo feito no campo do Nacional surgindo o nome do documentário no gramado.</p> <p>Imagem na tela do Futebol da cidade antes do Nacional, com GC escrito: Os primórdios do futebol rio-branquense DESCE TRILHA CHORINHO</p> <p>Entra GC escrito: Cléber Lima – Jornalista Sai GC Aqui o entrevistado fala sobre os clubes que vieram antes do Nacional, como Sporting, Comercial e Batista de Almeida.</p> <p>Entra GC escrito: Theresinha de Almeida – Fundadora do Museu Sai GC Fala sobre o dono do Batista de Almeida e sua relação com o campo onde anos depois seria o Estádio do NAC</p> <p>Fala sobre esses times e a importância deles no esporte local</p>	

<p>fotos e vídeos que foram feitos no Museu Municipal</p> <p>Imagem do Primeiro time do NAC 1937</p>	<p>SOBE TRILHA CHORINHO</p> <p>Imagem na tela do Primeiro time do Nacional com o GC escrito: 1937: A Fundação do NAC</p> <p>DESCE TRILHA CHORINHO</p>
<p>VÍDEO 8 Cléber Lima</p> <p>Imagens da Praça 28 de Setembro</p> <p>Imagens dos primeiros times do Nacional no final da Década de 1930</p> <p>Imagens da internet do Estado Novo</p> <p>Imagem do time da década de 40</p>	<p>Fala de Cléber Lima sobre a fundação do Nacional Atlético Clube, como aconteceu a época e os motivos para a escolha deste nome.</p> <p>SOBE TRILHA CHORINHO</p> <p>Imagem na tela do time do Nacional de 1946 com o GC: Década de 1940</p> <p>DESCE TRILHA CHORINHO</p>
<p>VÍDEO 9 Cléber Lima</p>	<p>Fala de Cléber Lima sobre contexto do campo do Nacional se tornar um estádio</p>
<p>VÍDEO 10 Theresinha de Almeida</p>	<p>Fala de Theresinha de Almeida sobre o processo de licitação do Estádio para o Nacional</p>
<p>VÍDEO 11 Cléber Lima</p> <p>Primeiras Imagens da faixada e do Estádio</p> <p>Imagens das arquibancadas antigas</p> <p>Imagem do time da Década de 1950</p>	<p>Fala de Cléber Lima sobre as primeiras estruturas do estádio</p> <p>SOBE TRILHA CHORINHO</p> <p>Imagem do time da Década de 50 com GC escrito: Década de 1950</p> <p>DESCE TRILHA CHORINHO</p>
<p>VÍDEO 12 Hélio Veríssimo</p> <p>Imagens dos times dos anos 50</p>	<p>Entra GC escrito: Hélio Veríssimo – Torcedor do NAC</p> <p>Sai GC</p> <p>Fala de Hélio Veríssimo sobre os grandes times do Nacional da década enviado pelo celular. Background de uma imagem vermelha</p>
<p>VÍDEO 13 Cléber Lima</p>	<p>Fala sobre grandes jogadores que jogavam no NAC e da relação e importância da Usina e de Joseph Lambert para o clube.</p>

Imagens de Joseph Lambert na inauguração do Estádio do NAC que leva seu nome	
Vídeo de João Cigano encostado na grade	SOBE TRILHA CHORINHO Entra GC: A lenda do N.A.C: João Cigano DESCE TRILHA CHORINHO
VÍDEO 14 João Cigano Imagens João Cigano no estádio	Fala de João Cigano para dizer como todo começou, no final de Década de 60. Ao mesmo tempo, vídeos feitos dele no estádio do NAC. Entra GC: João Cigano – Lenda do NAC Sai GC
VÍDEO 15 Cléber Lima	Fala de Cléber Lima de como o seu pai observou e fez o primeiro contato com João Cigano e observou o time que ele treinava: o Cruzeiroirinho
VÍDEO 16 João Cigano Imagens do time do Cruzeiro de 1958 e 59	Fala de João Cigano sobre o time do Cruzeiroirinho
Imagem do time de 68 do NAC	SOBE TRILHA CHORINHO Imagem do time de 1968 com GC: 1968 DESCE TRILHA CHORINHO
Imagens da Taça de 1968 feitas no Museu Municipal	Fala de João Cigano sobre a final de 1968 contra o Vila do Carmo de Barbacena.
VÍDEO 17 Tom Carlos	Entra GC: Tom Carlos – Jornalista Sai GC Fala de Tom Carlos sobre o time daquele ano, escalando os titulares.
VÍDEO 18 Cléber Lima Imagens da Taça de 1968	Fala de Cléber Lima sobre a comemoração do título
VÍDEO 19 Tom Carlos	SOBE TRILHA CHORINHO Imagem do NAC da década de 1970 com GC: Década de 1970 DESCE TRILHA CHORINHO Fala de Tom Carlos sobre os bons jogadores que surgiram em Visconde do Rio Branco no Nacional e a importância da base, citando Ricardo como o que fez maior sucesso. Entra GC: Marcos Franco – Ex-jogador

<p>VÍDEO 20 Marcos Franco Vídeo dos gols de Ricardo pela final do Torneio Início. Botafogo 2 x 1 Vasco, transmitido a época pelo canal 100</p>	<p>Sai GC Fala de Marcos Franco sobre como Ricardo era como jogador</p> <p>Vídeos de gols de Ricardo pelo Botafogo</p>
<p>VÍDEO 21 Ricardo Silva (Vídeo enviado pelo celular com Background vermelho)</p> <p>Imagem do time Juvenil que ele participava</p>	<p>Entra GC: Ricardo Silva – Ex-jogador Sai GC Fala de Ricardo Silva sobre o início da carreira e a importância do Nacional em sua vida.</p> <p>SOBE TRILHA CHORINHO Imagem do time da década de 80 com GC: Década de 1980 DESCE TRILHA CHORINHO</p>
<p>VÍDEO 22 Ugo Caputo</p>	<p>Entra GC: Ugo Caputo – Ex-Presidente Sai GC Fala de Ugo Caputo sobre a história do campeonato e o time de 80</p>
<p>VÍDEO 23 João Cigano Imagens da marca do pênalti</p>	<p>Fala de João Cigano sobre a final de 1980 e relato de desmaio</p>
<p>VÍDEO 24 Ugo Caputo</p>	<p>Fala de Ugo Caputo sobre a história do socorro ao desmaio e comemoração do título regional de 1980</p>
<p>VÍDEO 25 Tom Carlos Imagens dos times da década de 80</p> <p>Imagens históricas de diversas épocas e times marcantes, imagens da bandeira do nac e imagens da comemoração do</p>	<p>SOBE TRILHA CHORINHO Imagem para introdução com GC: O Hino do Leão DESCE TRILHA CHORINHO</p> <p>Fala de Tom Carlos sobre o processo de criação do hino e citando as primeiras linhas</p> <p>FADE IN Entrada do hino Imagens feitas no Estádio, históricas e vídeo feito na final do regional de 2016</p>

título do nac de 2016	Crédito das imagens da comemoração do regional. GC: Imagens – Kadu Fontana
	FADE OUT HINO
Imagem do time de 1994 do NAC	SOBE TRILHA CHORINHO Imagem do time de 1994 com GC: Década de 90 DESCE TRILHA CHORINHO
VÍDEO 26 Marcos Franco	Fala de Marcos Franco sobre o time e a final de 94
VÍDEO 27 Tom Carlos Imagens feitas da cabine do estádio	Fala de Tom Carlos sobre última transmissão e a final
VÍDEO 28 Marcos Franco	Fala de Marcos Franco sobre o título SOBE TRILHA CHORINHO Vídeo feito no Estádio Joseph Lambert GC: Tempos Difíceis DESCE TRILHA CHORINHO
VÍDEO 29 Léo Souza Imagens de Léo olhando pro horizonte e da faixa do NAC	Entra GC: Léo Souza – Ex-Presidente Sai GC Fala de Léo Souza sobre os anos difíceis
VÍDEO 30 Cléber Lima	Fala de Cléber Lima sobre tempos difíceis do NAC
VÍDEO 31 Léo Souza	Fala de Léo Souza sobre processo de recuperação em sua administração e a preocupação com as categorias de base SOBE TRILHA CHORINHO Imagem do Time de 2016 com GC: 2016: A volta por cima do Leão DESCE TRILHA CHORINHO
VÍDEO 32 Léo Souza	Fala de Léo Souza sobre a trajetória de 2016 e o erro cometido por ele no campeonato
VÍDEO 33 Tardeli Reis Imagens da final retiradas do YouTube feitas por Kadu Fontana.	Entra GC Tardeli Reis – Jogador Sai GC Fala de Tardeli sobre a situação de irregularidade na escalação e do clima antes do jogo e como foi o jogo Crédito das imagens com GC: Imagens: Kadu Fontana

Nacional Montanhês	4x2	Entra Vídeo dos gols da final, feito por Kadu Fontana
VÍDEO 34 Cigano Imagens da arquibancada festejando o título	João	Fala de Cigano sobre a comemoração e a alegria pelo título
VÍDEO 35 Franco Aberta e colorida mostrando filho e pai no mesmo enquadramento	Marcos Câmera 1	Fala de Marcos Franco sobre o sentimento de ver o filho campeão Regional pelo Nacional
VÍDEO 36 Souza colorida	Léo Câmera	Fala de Léo Souza pela felicidade na conquista do título
		SOBE CHORINHO Vídeo feito no Nacional da terceira idade com GC: Representatividade Social DESCE CHORINHO
VÍDEO 37 Carlos Imagens das categorias de base Imagens do Futebol Feminino Imagens do atletismo no NAC	Tom	Fala de Tom Carlos sobre as áreas de atuação social do clube
VÍDEO 38 Caputo Imagens de espaços educativos que o clube promove	Ugo	Fala de Ugo Caputo sobre as áreas de trabalho social do clube
VÍDEO 39 Souza Imagens de espaços educativos que o clube promove	Léo	Fala de Léo Souza sobre a contribuição social do NAC
VÍDEO 40 Cigano	João	Encerramento do documentário com a fala emocionante de João Cigano

<p>HINO DO NACIONAL</p> <p>Imagens do estádio, fotos históricas de diversos times, imagens da final de 2016, da bandeira, dos troféus e do museu de Visconde do Rio Branco</p>	<p>INÍCIO DA TRILHA (HINO DO NACIONAL)</p> <p>FIM DAS IMAGENS CRÉDITOS AO SOM DO HINO</p> <p>PRODUÇÃO, CINEGRAFIA, DIREÇÃO, ROTEIRO RAFAEL MERTENS</p> <p>IMAGENS MUSEU MUNICIPAL DE VISCONDE DO RIO BRANCO JACYNTHO BATALHA – DOCUMENTARISTA HELIO VERÍSSIMO – EX-JOGADOR E TORCEDOR RICARDO SILVA – EX-JOGADOR E TORCEDOR IMAGENS DA INTERNET</p> <p>EDIÇÃO ANDRÉ BERNARDES E RAFAEL MERTENS</p> <p>TRILHA SONORA ??? HINO DO NACIONAL ATLÉTICO CLUBE – TOM CARLOS E ???</p> <p>ENTREVISTADOS CLÉBER LIMA - JORNALISTA HÉLIO VERÍSSIMO – EX-JOGADOR E TORCEDOR RICARDO SILVA - EX-JOGADOR JOÃO CIGANO – LENDA DO N.A.C LÉO SOUZA- EX-PRESIDENTE E TESOUREIRO TOM CARLOS- JORNALISTA TARDELI REIS- JOGADOR MARCOS FRANCO – EX-JOGADOR THERESINHA DE ALMEIDA – FUNDADORA DO MUSEU MUNICIPAL DE VISCONDE DO RIO BRANCO UGO CAPUTO- EX-PRESIDENTE</p> <p>ORIENTAÇÃO RICARDO DUARTE</p> <p>APOIO: DCM</p> <p>DESCE TRILHA DO HINO</p> <p>FIM</p>
--	---

